



# COMUNICAÇÃO MUDIÁTICA.

ISSN: 2236-8000

v.18, n.2, p. 93-109, julho-dez. 2023

## Mapas subversivos e contracartografias no ciberespaço

*Mapas subversivos y contracartografias en el ciberespacio*

*Subversive maps and counter cartographies in cyberspace*

**Débora KLEMPOUS**

Doutoranda em Ciências da Comunicação na ECA/USP, mestra pela mesma instituição e jornalista pela UFSC. **E-mail:** [deboraklempous@gmail.com](mailto:deboraklempous@gmail.com)

**Wagner Souza e SILVA**

Professor e pesquisador no Departamento de Jornalismo e Editoração e no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação na ECA/USP. Doutor em Ciências da Comunicação pela mesma instituição. **E-mail:** [wasosi@usp.br](mailto:wasosi@usp.br)

*Enviado em: 14 mar. 2024*

*Aceito em: 21 mar. 2024*

## RESUMO

Caracterizando os dispositivos móveis como mídias locativas, o texto propõe observar a relação entre as redes digitais e os espaços físicos como possibilidade para se constituir a formação de territórios híbridos que confrontam a determinação geográfica de fronteiras e limites de circulação. Duas plataformas serão apresentadas como exemplos de ferramentas que articulam processos de desterritorialização e reterritorialização, *The Transborder Immigrant Tool* e o *Megafone.net.*, que também se mostram como iniciativas que confrontam a ocupação do ciberespaço pelas Big Tech.

**Palavras-chave:** *Mídias locativas; Migrantes; Ciberespaço.*

## RESUMEN

Caracterizando los dispositivos móviles como medios locativos, el texto propone observar la relación entre redes digitales y espacios físicos como una posibilidad para constituir la formación de territorios híbridos que confrontan la determinación geográfica de fronteras y límites de circulación. Se presentarán dos plataformas como ejemplos de herramientas que articulan procesos de desterritorialización y reterritorialización, *The Transborder Immigrant Tool* y *Megafone.net*, que también aparecen como iniciativas que enfrentan la ocupación del ciberespacio por parte de las Big Tech.

**Palabras-clave:** *Medios locacionales; Migrantes; Ciberespacio.*

## ABSTRACT

Characterizing mobile devices as locative media, the text proposes observing the relationship between digital networks and physical spaces as a possibility for constituting the formation of hybrid territories that confront the geographical determination of borders and circulation limits. Two platforms will be presented as examples of tools that articulate deterritorialization and reterritorialization processes, *The Transborder Immigrant Tool* and *Megafone.net*, which also appear as initiatives that confront the occupation of cyberspace by Big Tech.

**Keywords:** *Locational media; Migrants; Cyberspace.*

## Introdução

Se é possível afirmar que os dispositivos digitais de mídia locativa possam fomentar processos de desterritorialização, movimentando identidades, pessoas e significados (Saquet, 2006), paralelamente, é também possível reconhecê-los como fomentadores de processos de reterritorialização, ou seja, de construção de novas formas de habitar territórios, sejam eles físicos ou virtuais. Este artigo busca observar os mecanismos de reterritorialização no e a partir do ciberespaço, por meio de plataformas que, confrontando os controles estatal, militar e industrial, atuam como táticas biopolíticas contra o monopólio das Big Tech.

Para tanto, serão analisados a plataforma digital colaborativa *Megafone.net*, conduzida pelo artista catalão Antoni Abadi, e o software *The Transborder Immigrant Tool*, desenvolvido pelo coletivo *Electronic Disturbance Theater*. Enquanto o *Megafone.net* convida pessoas em situação de exclusão social – como migrantes e refugiados em países como Estados Unidos, Argélia e Costa Rica –, a alimentar a plataforma com sons, textos e imagens, por meio de seus celulares, o software *The Transborder Immigrant Tool*, desenvolvido para celulares de baixo custo, mostra onde há água às pessoas que desejam atravessar a fronteira com os Estados Unidos, simulando uma bússola capaz de obter informações dos satélites de GPS sem transmitir de volta qualquer dado que possa ser rastreado.

Esses dispositivos promovem a habitação tanto do território como do ciberterritório, buscando recuperar uma cidadania que não esteja sujeita a fronteiras de controle estatal e ao extrativismo de dados (Morozov, 2018), além de também questionarem os mapas hegemônicos por meio da chamada contracartografia (Holmes, 2006).

Entendemos habitar como verbo de ação, ligado à potência de agir, e que vai além da ideia de residência. Partimos da perspectiva da habitação, desenvolvida por Ingold (2015, p. 35), fundamentada na premissa de que "as formas como os seres humanos constroem, seja na imaginação ou no chão, surgem dentro das correntes da atividade na qual estão envolvidos, nos contextos relacionais específicos dos seus compromissos práticos com seus arredores". Ou, segundo Heidegger (1954, p. 1), "construir já é em si mesmo habitar".

### 1. Fronteiras e seus atravessamentos

De outubro de 2021 a maio de 2022, foram interceptadas 1.753.754 pessoas que tentavam atravessar ilegalmente a fronteira do México com os Estados Unidos, segundo a Alfândega e Proteção de Fronteiras (CBP, na sigla em inglês) (Hessel, 2022), sendo a maior parte pelo sudoeste dos EUA, que compreende os estados do Arizona e do Novo México e partes adjacentes da Califórnia, Colorado, Nevada, Oklahoma, Texas e Utah. Tais estados faziam parte da Espanha e do México até 1848, quando os EUA adquiriram este território por meio do Tratado de Guadalupe Hidalgo, que encerrou a guerra Mexicano-Americana, oficialmente intitulado Tratado de Paz, Amizade, Limites e Resolução entre os Estados Unidos da América e a República Mexicana.

De acordo com Haesbaert (2004), um território pode ser definido como um espaço controlado, em que o Estado exerce determinado poder político, mas também como algo engendrado pela apropriação simbólica de determinado grupo em relação ao espaço vivido e, também, fonte de recursos. Entretanto, o autor reforça a necessidade de se ultrapassar uma visão simplista de território, como enraizamento e fronteira, partindo para a concepção deste como um híbrido, em que movimento e estabilidade são indissociáveis. "Justamente por ser relacional, o território é também movimento, fluidez, interconexão - em síntese e num sentido mais amplo, temporalidade" (Haesbaert, p. 82, 2004).

Assim, podemos entender as fronteiras dos territórios também como fluidas. A palavra deriva do termo "fronte" (do latim *frons*), que significa "o que está em frente" e passou a estar associada à expansão territorial, inicialmente no contexto do Império Romano (Tolosana, 1994 apud Albuquerque, 2017). Portanto, de origem militar.

Anteriormente ao desenvolvimento dos conhecimentos cartográficos, a demarcação de territórios era feita predominantemente com base em acidentes geográficos, como rios e montanhas, criando a ilusão de que as fronteiras são naturais (Albuquerque, 2017). E algumas materializadas em acidente geográficos artificiais, como o Muro de Berlim, o muro que divide a Coreia do Norte e a Coreia do Sul, a Muralha da China e o muro que separa o México dos EUA, erguido com o propósito de impedir a entrada de migrantes. Popularmente chamado de Muro do México, ele tem cerca de 1.130 km de extensão, correspondente a quase um terço da fronteira entre os dois países.

Para facilitar a transposição dessa fronteira, o coletivo *Electronic Disturbance Theater* (EDT) - criado em 1997 pelo pesquisador, artista e ativista Ricardo Dominguez -

desenvolveu o software *The Transborder Immigrant Tool* para celulares de baixo custo que, equipados com um chip de GPS, mostra onde há água no caminho. EDT é um grupo de artistas/acadêmicos da Universidade da Califórnia em San Diego formado por Ricardo Dominguez, Brett Stalbaum, Amy Sara Carrol, Micha Cardenas e Elle Mehrmand. De acordo com Ricardo Dominguez (apud Duarte, 2015), *The Transborder Immigrant Tool* surgiu de uma pesquisa em andamento que tinha como foco três pontos principais: teoria e prática da desobediência civil eletrônica e hacktivismo, crítica institucional e perturbação da fronteira entre arte e tecnologia e nanopoética com nanotoxicologia.

O software foi desenvolvido em linguagem Java pelo então estudante de graduação Jason Najarro e o artista e pesquisador Brett Stalbaum para uma plataforma IDEN<sup>1</sup> em um telefone Motorola i455, como uma extensão da API<sup>2</sup> Walkingttoolsgpx de Brett Stalbaum, que consiste em uma biblioteca de ferramentas para uso em projetos de arte que envolvem caminhadas navegadas por GPS, muitas vezes em áreas rurais ou mesmo perigosas (Marino, 2013). O objetivo de *Transborder Immigrant Tool* era rastrear, por meio do GPS, a posição do usuário e, por intermédio de uma plataforma, direcioná-lo aos locais mais próximos com acesso à água. O celular consegue obter informações dos satélites de GPS sem transmitir de volta qualquer dado que possa rastreá-lo. O telefone usa um mapa personalizado, desenvolvido pelo coletivo a partir de algumas incursões ao deserto na companhia da organização sem fins lucrativos *Border Angels*, que tem como um de seus projetos a distribuição de galões de água ao longo da travessia.

O projeto foi financiado por um prêmio de artes e humanidades concedido pela Universidade da Califórnia de San Diego, nos anos de 2007 e 2008, e sua implementação consistiu em cinco passos (Duarte, 2015):

- 1) Mapeamento com GPS dos lados americano e mexicano da fronteira, com o objetivo de obter as coordenadas que iriam guiar o desenvolvimento da ferramenta;

---

<sup>1</sup> Sigla em inglês para rede aprimorada digital integrada, uma tecnologia que combina um telefone celular digital, um rádio bidirecional, um pager e um modem de dados/fax em um único dispositivo. Segundo informações disponíveis em: <<https://www.capterra.com.br/>>.

<sup>2</sup> Sigla em inglês para interface de programação de aplicação, que é um conjunto de padrões que fazem parte de uma interface, a partir do qual é possível criar softwares, aplicativos, programas e plataformas. Segundo informações disponíveis em: <<https://www.techtudo.com.br/listas/2020/06/o-que-e-api-e-para-que-serve-cinco-perguntas-e-res-postas.shtml>>.

- 2) registro e anotação de infraestruturas que poderiam interferir contra ou a favor do atravessamento da fronteira, como por exemplo atividades de segurança interna, patrulhamento de fronteira e disponibilidade de água e alimentos;
- 3) programar a aplicação do software;
- 4) testar a ferramenta *in loco* e
- 5) compartilhar e distribuir a ferramenta com comunidades de migrantes nos dois lados da fronteira.

Para encontrar água, o usuário deveria acessar a interface visual do dispositivo, que simula uma bússola simples, ou dizer água em espanhol, de modo a fazer o telefone vibrar mais intensamente à medida em que o usuário se aproximasse dos recipientes com água. Conforme o usuário caminha com a ferramenta, algumas linhas de poesia começam a tocar. Desse modo, "buscam dar sustentação poética, promover um cenário de hospitalidade e acolher o viajante em um novo espaço" (Duarte, 2015, p. 72, tradução nossa):

Além disso, o impulso da poesia radical do dispositivo reforça o imaginário da ferramenta para além da sua funcionalidade de geolocalização e recarrega os imigrantes para se perceberem não como conchas vazias para o trabalho, mas também como sujeitos sensíveis à estética (Duarte, 2015, p. 72).

As poesias foram escritas por Amy Sara Carrol, membra do EDT, com contribuições dos demais participantes do coletivo, a partir de guias de sobrevivência e do relato de migração de Luis Alberto Urrea, no livro "The Devil's Highway", que narra a jornada de um grupo de homens que, em maio de 2001, tentaram atravessar a fronteira pelo deserto ao sul do Arizona (Marino, 2013).

Se a fronteira política entre Estados Unidos e México é uma das regiões do planeta com maior presença de sistemas de vigilância e monitoramento, o aplicativo

tem sua funcionalidade contrabandeada, usada como tática de contestação à política de imigração e como poderosa descrição de como a crescente mobilidade das tecnologias, a maior capacidade dos objetos interpretarem e criarem protocolos de comunicação com seu entorno podem ser fontes poderosas de constrangimento do nomadismo de pessoas e bens (Faltay; Pinto, 2015, p. 89).

Seus criadores enxergam a ferramenta como parte de uma mudança da mídia tática para a biopolítica tática, com foco nos potenciais políticos abertos pelas tecnologias que

possam servir de melhoria direta na vida das pessoas, como tecnologias médicas e dispositivos de segurança baseados em GPS (Cardenas et al., 2009).

Os autores entendem biopolítica como resistência ao controle sobre nossas vidas cotidianas, portanto, a construção da ferramenta intenciona a busca por intervenções públicas que busquem mudar as próprias condições de vida e de morte que são criadas pelo biopoder. Eles compreendem *The Transborder Immigrant Tool* como uma tática de engajamento no "deserto pós-contemporâneo da Necropolítica" - conceito desenvolvido pelo filósofo e historiador camaronês Achille Mbembe, que é a promessa do Estado não mais de garantir a vida, mas de assegurar a morte de grupos indesejados, fundamentando-se no discurso de uma guerra ao terrorismo para justificar o uso da força (Cardenas et al., 2009, p. 2).

Para Castells (2002), o desenvolvimento das novas tecnologias da informação e de comunicação resultou no abandono de um modo de produção verticalizado para assumir uma estrutura reticulada e horizontal, característica de um novo paradigma comunicativo, cuja inclusão na sociedade informacional demanda acesso às redes e possibilidade de troca informativa. Mas esse "fluxo clandestino de informações e logísticas" do *Transborder Immigrant Tool*, pode ser compreendido como contra-net, a partir de Bey (2001, p. 11), caracterizada pelo uso ilegal e rebelde da web, sendo esta uma estrutura aberta e horizontal de troca de informações, com capacidade para prosperar no caos. Ele considera a contra-net um fim em si mesma, mas que também pode ser vista como forma de "batalha para se forjar uma realidade diferente" (2001, p. 15), que deve se expandir do ciberespaço para o mundo físico, formando uma Zona Autônoma Temporária. A chamada TAZ (sigla do inglês *Temporary Autonomous Zone*) é definida pelo autor como um acampamento de guerrilheiros nômades, que atacam as estruturas de controle e fogem antes que o mapa seja retificado.

Segundo com Bey (2011), a contra-net é constituída por um mapa que, em uma sobreposição com o mapa de um território, o mapa de mudanças políticas e o mapa da imaginação, da estética e dos valores resultam em uma malha viva. O conceito de malha nos remete a Ingold (2015), que a compreende não como uma rede de conexões, mas um entrelaçamento de linhas de fluxo, como as linhas de uma teia de aranha, que não a conectam à mosca a ser devorada, mas estabelecem as condições para que a aranha interaja com mosca, isto é, são linhas ao longo das quais ela se move. A malha enfatiza o caráter nômade, sempre em movimento.

Se a rede se refere ao transporte, que é essencialmente orientado para um destino, segundo Ingold (2015), a malha é formada pela peregrinação. Mas Ingold se questiona se a internet é uma rede de sites interligados e se viajar pelo ciberespaço seria semelhante a transportar-se, ou a navegação por ela seria como peregrinos seguindo trilhas. Como entender o movimento através da internet? Ele lança a pergunta sem apresentar uma resposta.

*The Transborder Immigrant Tool* foi disponibilizado para download na internet em 2008 e logo chamou a atenção dos festivais de arte midiática e organizações de cultura hispânica. Quando a história, que foi veiculada na *Vice Magazine*, viralizou, a ferramenta alcançou a atenção da grande mídia. No programa de Televisão de Glenn Beck da *Fox News*, o título da reportagem acusava os professores da UCSD de estarem dissolvendo os EUA, porque eles "dão telefones com GPS com poesia explícita para ilegais atravessarem a fronteira" (Duarte, p. 75, 2015, tradução nossa). Beck pede providência divina para convencer o público de que os funcionários da UCSD, com os "dólares suados do público", estão envolvidos no apoio à migração ilegal. Ele afirma que o financiamento do projeto deve ser interrompido e os professores envolvidos no desenvolvimento da ferramenta, demitidos.

Poucos meses após a publicação de artigos sobre a ferramenta em 2009, a Universidade da Califórnia recebeu uma carta do congressista Duncan Hunter. Ele considerou que o projeto era um mau uso do dinheiro dos contribuintes, especialmente em meio a uma recessão (Miller, 2010 apud Marino, 2013).

O aplicativo gerou inúmeras controvérsias sobre os usos da tecnologia, rendendo ameaças de agressão física e de morte, investigações e auditorias, inclusive acerca do financiamento do projeto pela Universidade da Califórnia em San Diego, onde Dominguez é professor do Departamento de Artes Visuais (Faltay; Pinto, 2015). Argumentos como liberdade de expressão e de compartilhamento, autonomia acadêmica e motivações humanitárias inocentaram Dominguez das acusações legais.

Mas, quando a ferramenta ficou pronta para distribuição em 2011, a passagem da fronteira tornou-se mais perigosa, e o ETD sustentou que o risco de se transportar um telefone com esse software poderia colocar os utilizadores em perigo (Net Art Anthology, 2019). Assim, o projeto nunca foi distribuído ao seu público-alvo. Segundo Marino (2013, np), ele foi testado pela equipe da EDT e "implementado retoricamente por fãs e inimigos,

a quem a mera menção da ferramenta desperta fortes emoções". Para seus criadores, a ferramenta foi considerada uma intervenção performativa, que incluiu as reações do público e a investigação criminal (Net Art Anthology, 2019).

Como recurso para o atravessamento da fronteira, segundo Marino (2013), ela não compreendia todo o trajeto, mas apenas sua última milha<sup>3</sup>, e deveria ser ativada em um momento de extrema desidratação, pois o telefone para o qual foi desenvolvido o protótipo tem aproximadamente uma hora de carga de bateria.

The *Transborder Immigrant Tool* é uma das práticas de mídia locativa estudadas por Duarte (2015), que as entende mais como ações performativas do que defensoras de eventos permanentes. Seu objetivo não é destruir o controle, mas descobrir as possíveis violações e brechas nos protocolos correntes. Ela defende que o imaginário dos celulares como ferramentas que transcendem fronteiras se confunde com os discursos de exclusão em torno da fronteira.

## 2. Dispositivos móveis como criadores de lugares

Os dispositivos móveis de mídia locativa são definidos por Lemos (2010) como uma conjunção entre LBS (*Location-based services*) e LBT (*Location-based technologies*). LBS pode ser traduzido para serviços baseados em localização, ou seja, "serviços de dados e informação orientados geograficamente para utilizadores das redes de telecomunicações móveis" (Karimi, 2004 apud Souza, 2008, p. 5). Já as tecnologias baseadas em localização (LBT) são os dispositivos que utilizam esses serviços, como smartphones e tablets. Segundo a *International Telecommunications Union*, os serviços móveis estão disponíveis para mais de 90% da população mundial, incluindo 80% da população vivendo em áreas rurais (Wilken; Goggin, 2012).

O termo locativo refere-se a lugar, ou seja, "os lugares/objetos passam a dialogar com dispositivos informacionais, enviando, coletando e processando dados a partir de uma

---

<sup>3</sup> Uma milha corresponde a 1,60934 quilômetros.

relação estreita entre informação digital, localização e artefatos digitais móveis" (Lemos, 2007, p. 1).

É cada vez mais comum que as pessoas habitem um híbrido entre espaços físicos e digitais, com a mediação de tecnologias móveis e locativas. Essas tecnologias expandiram a percepção do espaço físico, criando condições para a emergência de novos lugares. Para Gordon e de Souza e Silva (2012), esses lugares são fabricados a partir da estrutura cultural e tecnológica por eles denominada "localidades em rede" (*networked locality* ou *net locality*). Tal ideia reforça o lugar como algo dinâmico, ao incluir um montante cada vez maior de informações baseadas na localização. Estas não estão apenas "anexadas" às interfaces dos dispositivos móveis e locativos, mas se tornam uma parte intrínseca aos lugares (Gordon; De Souza E Silva, 2012). Segundo os autores, tanto essas tecnologias quanto as informações com as quais elas interagem e armazenam não se encontram fora dos lugares, e ambas participam da sua construção e habitação. A web é trazida para os lugares e vice-versa.

Lemos (2010) reconhece estes espaços como "territórios informacionais". Como exemplo, cita um parque com conexão Wi-Fi, em que convivem o espaço físico parque e o espaço eletrônico internet, que ele chama de ciberespaço. Quando alguém acessa essa rede Wi-Fi ele está "imbricado no território físico (e político, cultural, imaginário etc) parque, e no espaço das redes telemáticas. O território informacional cria um lugar, dependente dos espaços físicos e eletrônicos a que ele se vincula" (Lemos, 2008, p. 221). O autor define território informacional como uma zona de controle, criada pela intersecção entre espaços físico e eletrônico. O território informacional não tem fronteiras, as informações se dissipam irrefreáveis pelo espaço. Entender essa nova territorialidade, segundo Lemos, é estabelecer limites para os fluxos de informações e, assim, garantir privacidade e anonimato.

Já para Santaella, trata-se de "espaços intersticiais", pois "referem-se às bordas entre espaços físicos e digitais, compondo espaços conectados, nos quais se rompe a distinção tradicional entre espaços físicos, de um lado, e digitais, de outro" (Santaella, 2008, p. 21). Mesmo que essa fronteira se torne difusa, os espaços físicos e digitais não deixam de existir individualmente. A partir deles é criado um terceiro tipo de espaço, formado por "múltiplas camadas de conexões entre o físico e o virtual" (Santaella, 2008, p. 22). Dessa forma, a convergência de dispositivos móveis com o GPS, por meio de interfaces gráficas interativas, expandiu o potencial dessas tecnologias midiáticas, proporcionando a comunicação e

interação entre pessoas em movimento e introduzindo a "consciência do contexto" (Santaella, 2008, p. 130). Para essa autora, independentemente da forma que assume o corpo virtual, sempre haverá um corpo biológico a ele atado, onde está arraigada a consciência.

Diferentemente do território físico, no ciberespaço as "fronteiras entre os espaços privados e públicos têm sido eletronicamente borradas" (Lemos, 2010, p. 85). Estando em um parque público ou no próprio lar, o usuário não tem sua privacidade e seu anonimato garantidos. Ele não tem controle sobre as informações que atravessam essas fronteiras. A nova vigilância e o monitoramento das ações se dá nessa nova territorialidade, onde os sujeitos se encontram desterritorializados.

A internet é, efetivamente, máquina desterritorializante sob os aspectos político (acesso e ação além de fronteiras), econômico (circulação financeira mundial), cultural (consumo de bens simbólicos mundiais) e subjetivo (influência global na formação do sujeito) (LEMOS, 2006, p. 6).

"Desterritorialização como 'perda de um território', que significa a perda de poder nos sentidos econômico, de direitos de cidadania e simbólico" (Haesbaert, 2017, p. 326), ou seja, o sujeito não exerce domínio e apropriação sobre seu território.

Com a informação transformada em mercadoria pelas Big Tech, acessá-la ou não é o que hoje comanda os processos de territorialização e desterritorialização. As tecnologias móveis, ao mesmo tempo em que geram mais mobilidade, também aumentam a exposição a formas sutis e invisíveis de controle, monitoramento e vigilância. Assim, ao justaporem território e ciberespaço, fomentam não apenas os processos de desterritorialização, mas também novas formas de tensões e controles.

### **3. Mídias locativas redesenhando mapas**

As tensões provocadas pelo atual contexto hipermediado podem ser visualizadas por meio das chamadas contracartografias artísticas, que contestam as cartografias hegemônicas enquanto "representações fidedignas de territórios conquistados" e como "uma expressão de poder assentado sobre aparatos e códigos de representação formulados ao longo do desenvolvimento das ciências" (Kiminami; Sperling, 2020, p. 17).

Brian Holmes (2006), que é um artista ativista, e não um geógrafo, propôs o termo contracartografias para definir a apropriação da linguagem dominante da cartografia por grupos de "artistas" a fim de gerar uma rede de dados, de forma colaborativa, para produzir novos discursos e propor outros redesenhos do espaço.

Nesse sentido, o projeto *Megafone.net*, do artista catalão Antoni Abad, pode ser compreendido como uma prática contracartográfica ao criar modos de representação do mundo gerados pela produção de imagens, textos e áudios geolocalizáveis. São chamadas anotações urbanas as indexações de mensagens a localizações geográficas de interesse, como vídeos e fotos (Santaella, 2008), deixando de ser apenas pontos nas coordenadas da longitude e latitude da Terra, para se transformarem em lugares habitados.

Antoni Abad tem desenvolvido, desde 2004, uma série de trabalhos que recorrem à possibilidade de se transmitir diretamente de telefones celulares informações via internet a uma página da web que incorpora o Google Maps como sua plataforma geográfica. Essas informações criam indexações no mapa, feitas por diferentes grupos em situação de vulnerabilidade social e tradicionalmente representados de forma desfavorável pela mídia. A maior parte composta por fotografias, legendas e palavras-chave (tags)

Pessoas com limitações de mobilidade em Montreal, Barcelona e Genebra; imigrantes vivendo na cidade de Nova Iorque; pessoas cegas ou com baixa visão registrando obstáculos ao seu deslocamento em Barcelona; jovens saharauis dos acampamentos de refugiados de Tinduf, na Argélia; pessoas em condição de deslocamento em Manizales, na Colômbia - a maioria camponeses e comunidades indígenas que, ou foram forçados a deixar suas terras por conta dos conflitos armados ou se desvincularam de grupos armados ilegais; motoboys na cidade de São Paulo, migrantes nicaraguenses trabalhando da Costa Rica; trabalhadores do sexo em Madri, jovens ciganos em León e Lleida, na Espanha e taxistas no México.

Quando os smartphones tornaram-se mais acessíveis, e com o surgimento de serviços baseados em localização (LBS), emergiu uma nova forma de cotidianidade na qual a câmera do telefone celular participa. Por meio de sons, palavras e imagens, esses grupos escrevem crônicas de suas próprias realidades na Web 2.0 - a segunda geração da World Wide Web baseada na troca de troca de informações entre usuários. Desde fotos com a família, os locais onde vivem, suas tradições, mas também, no caso dos taxistas do México, o longo e

burocrático processo para obter uma carteira de motorista de táxi e a corrupção das forças policiais.

Para Eugênio Tisseli (2010, p. 11, tradução nossa), que atuou por dez anos como programador do *Megafone.net*, os grupos envolvidos "não só puderam agir diretamente para restaurar sua imagem pública, mas também tiveram a chance de se familiarizar com as tecnologias digitais e as redes sociais". Por serem iniciativas sem fins lucrativos, todos os projetos do *Megafone.net*, chamados pelo artista de canais, dependem de instituições artísticas, que fornecem os espaços físicos para auxiliar nas reuniões e nas logísticas e contam com patrocinadores, principalmente empresas de telefonia, que oferecem os dispositivos móveis (Tisseli, 2010).

Partindo da noção de localidades em rede, Gordon e de Souza e Silva (2012) entendem que as situações físicas permanecem, enquanto a atenção do usuário é liberada para uma ecologia de focos que, em vez de destruir os espaços urbanos, constroem as experiências na sobreposição entre físico e virtual. Isso amplia os limites do espaço aristotélico, tipicamente associado com as cidades. Os autores explicam que, o que Aristóteles chamaria de invólucro do espaço físico, é expandido, explodindo os limites das fronteiras tradicionais da extensão geográfica. O material com o qual as localidades em rede são construídas inclui conexões dinâmicas em rede, interações sociais remotas e locais e informações baseadas na localização.

Com o advento das redes sociais baseadas na produção e no compartilhamento de imagens com dispositivos móveis, essa cartografia online foi sobreposta à cartografia offline, o que promoveu novos tipos de visualidades de copresença. Isso significa que as pessoas podem estar conscientes da presença de outras por meio de marcadores além do espaço físico. Elas interagem entre si através de presenças ausentes, que incluem as fotografias compartilhadas em redes sociais e as interações que promovem.

## **Considerações finais**

Por princípio, a web trouxe a ideia de se "navegar" pelo ciberespaço, ação que muito rapidamente foi assimilada pelo senso comum, e que poderia ser entendida como uma forma de se explorar novos territórios dentro deste novo ambiente que se apresentava. Com o

advento dos dispositivos móveis, a relação entre os espaços físicos e o ciberespaço foi dinamizada, tendo em vista que os deslocamentos passaram a ser permitidos em ambas as frentes e de forma concomitante, rearticulando as possibilidades de circulação de usuários conectados. A experiência com o território, então, torna-se híbrida.

No entanto, há ainda a forte permanência de fronteiras, mas em descompasso, quando comparamos as duas formas de espaço possíveis: enquanto se permite mais liberdade aos fluxos informacionais e mercadológicos, construídos por relações quase sempre capitaneadas por interesses financeiros – o que inclui as Big Tech–, os fluxos de pessoas encontram limitações e obstáculos determinados por regras rígidas de ocupação e circulação nos e entre territórios.

O que *The Transborder Immigrant Tool* e *Megafone.net* evidenciam, é a possibilidade de agenciamento desses territórios híbridos, reconhecendo-os como uma interface de negociação entre as realidades das experiências concretas e a realidade das negociações simbólicas que estabelecem as condições para habitar territórios e reposicionar fronteiras em confronto com as cartografias vigentes. Mais ainda, demonstram caminhos de reconhecimento e ocupação dos territórios informacionais aos quais somos todos cada vez mais submetidos.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. Fronteira. In: CAVALCANTI, Leonardo et al. **Dicionário Crítico de Migrações Internacionais**. Brasília: EdUnb, 2017, p. 519-522.

BEY, Hakim. **TAZ: zona autônoma temporária, anarquismo ontológico e terrorismo poético**. São Paulo: Conrad, 2001.

CARDENAS, Micha; CARROLL, Amy Sara; STALBAUM, Brett. *The Transborder Immigrant Tool: Violence, Solidarity and Hope in Post-NAFTA Circuits of Bodies Electr(on)/ic*. In: **MOBILEHCI9 - INTERNATIONAL CONFERENCE ON HUMAN-COMPUTER INTERACTION WITH MOBILE DEVICES AND SERVICES**, 11., 2009, Bonn: University of Bonn, 2009.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GORDON, Eric; DE SOUZA E SILVA, Adriana. The Urban Dynamics of Net Localities: how mobile and location-aware technologies are transforming places. In: WILKEN, Rowan; GOGGIN, Gerald. (Org.) **Mobile Technology and Place**. Nova Iorque: Routledge, 2012.

DUARTE, Fernanda. Rerouting borders: politics of mobility and the Transborder Immigrant Tool. In: DE SOUZA E SILVA, Adriana; SHELLER, Mimi (org). **Mobility and locative media: mobile communication in hybrid spaces**. Nova Iorque, Routledge, 2015. p. 65 - 81.

FALTAY, P., & PINTO, L. C. Políticas e poéticas dos rastros. **Revista ECO-Pós**, 2015, 18(2), 77–94. Disponível em: [https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/2272](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/2272)

HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização/reterritorialização. In: CAVALCANTI, Leonardo et al. **Dicionário Crítico de Migrações Internacionais**. Brasília: EdUnb, 2017, p. 323-328.

\_\_\_\_\_. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HESSEL, Rosana. Os perigos que rondam a fronteira dos Estados Unidos. **Correio Braziliense**. Brasília, 27 jun. 2022. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/os-perigos-que-rondam-a-fronteira-dos-estados-unidos.html>. Acesso em 11 jan. 2024.

HOLMES, B. Counter cartographies. In ABRAHAM, J.; HALL, P. **Else/Where: mapping new cartographies of network territories**. Minnesota: University of Minnesota Press, 2006.

INGOLD, T. **Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015.

KIMINAMI, C. A.; SPERLING, D. M. **Práticas contracartográficas artísticas e a desestabilização dos mapas** | Artistic counter-cartographic practices and the destabilization of maps. *Oculum Ensaios*, 2020, v. 17, p. 1–12.

LEMOS, A. **Ciberespaço e Tecnologias Móveis: processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura**. COMPÓS, Bauru, SP, junho de 2006.

\_\_\_\_\_. Mídias Locativas e Territórios Informacionais. In Santaella, L., Arantes, P. (ed), **Estéticas Tecnológicas**. Novos Modos de Sentir., São Paulo: EDUC., p. 207-230, 2007.

\_\_\_\_\_. Mídias Locativas e Vigilância. Sujeito inseguro, bolhas digitais, paredes virtuais e territórios informacionais. In: **Vigilância e Visibilidade: espaço, tecnologia e identificação**, Curitiba, 2009.

MARINO, Mark. Code as ritualized poetry: the tatics of the Transborder Immigrant Tool. **Digital Humanities Quarterly**, v. 7, n. 1, 2013. Disponível em: <<https://www.digitalhumanities.org/dhqdev/vol/7/1/000157/000157.html#carroli2012>>. Acesso em 10 jan. 2024.

MOROZOV, E. **Big Tech**: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu, 2018.

NET ART ANTHOLOGY. Galeria de arte virtual. **VAA Press**, 2019. Disponível em <<https://anthology.rhizome.org/transborder-immigrant-tool>>. Acesso em 12 jan. 2024.

PINK, S.: HJORTH, L. **Emplaced Cartographies**: reconceptualising camera phone practices in an age of locative media, *Media International Australia (MIA)*, 145, 2012, pp. 145-155.

SANTAELLA, Lucia. A estética política das mídias locativas. **Nômadas**, Instituto de Estudios Sociales: Bogotá, n. 28, p. 128-137, 2008.

SAQUET, Marcos Aurélio. Proposições para estudos territoriais. **Geografia**, Paraná, ano VIII, n.15, p.71-85, 2006.

SOUZA, Nuno Sérgio Infante de Passos. Location-based services: a crescente importância da localização. Dissertação (Mestrado em Estatística e Gestão da Informação). NOVA Information Management School, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2008.

TISSELLI, E. **Digital Networks And Social Innovation**: Strategies Of The Imagination, 2008. Disponível em <[https://megafone.net/INFO/files/pdf/2010\\_tisselli.pdf](https://megafone.net/INFO/files/pdf/2010_tisselli.pdf)>. Acesso em 12 fev. 2024.

## BIOGRAFIA DOS AUTORES

### DÉBORA KLEMPOUS

Doutoranda em Ciências da Comunicação na ECA/USP, mestra pela mesma instituição, especialista em Fotografia pela Universidade do Vale do Itajaí e jornalista pela UFSC.

*E-mail de contato: [deboraklempous@gmail.com](mailto:deboraklempous@gmail.com)*

### WAGNER SOUZA E SILVA

Professor e pesquisador no Departamento de Jornalismo e Editoração e no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação na ECA/USP. Doutor em Ciências da Comunicação pela mesma instituição. É um dos coordenadores do Grupo de Pesquisa Políticas da Imagem, na ECA/USP, e vice-coordenador do GP de Fotografia da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).

*E-mail de contato: [wasosi@usp.br](mailto:wasosi@usp.br)*